

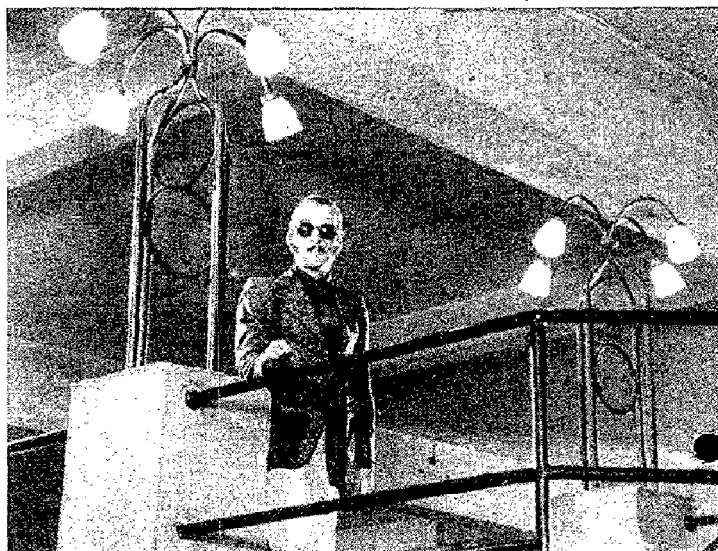
cinema

actual

"Conquistámo-los": o efeito Truffaut — e a aposta do "Kilas"



"O Último Metro": um contrato secreto passado entre o espectáculo e a vida.



"Kilas, o Mau da Fita": entre um imaginário cinéfilo e um imaginário de "bas-fond" lisboeta.

CONQUISTÁMO-LOS": exclama Catherine Deneuve beijando pela primeira vez Gérard Depardieu quando a cortina cai sobre o último acto na "ante-première" de "A Desaparecida". Trata-se de uma peça nórdica, de sabor epidermicamente strindberguiano (a julgar pela ambiência), que uma companhia de teatro, dirigida por um judeu, apresenta em Paris numa noite da Ocupação.

"Conquistámo-los": poderá exultar François Truffaut perante o grande triunfo — sucesso combinado de crítica e público que penhum outro dos seus filmes obteve — de "O Último Metro", filme onde "A Desaparecida" se representa. "Conquistámo-los": é o efeito Truffaut, finalmente consagrado.

O Cinema, o Teatro e a Vida

"O Último Metro" (Londres) não será decerto o melhor Truffaut — e isso sabia-o, por antecipação, o realizador. Mas

Truffaut conquista toda a gente com "O Último Metro". Entretanto, um filme português, o "Kilas", de Fonseca e Costa, surge também como aposta num sucesso popular. Possível?

Vicente Jorge Silva

a questão não estava aí. Com efeito, antes de "O Último Metro" Truffaut filmara sem convicção "Amor em Fuga", última (e porventura derradeira) aventura de Antoine Doinel, na sequência desse admirável "Quarto Verde" aonde o autor de "Jules et Jim" mais longe e gravemente nos conduziu no conhecimento dos seus fantasmas. Dir-se-ia, pois, que os dois filmes de Truffaut que precedem "O Último Metro" encerram, de algum modo complementarmente uma fase da irre-

gular carreira de Truffaut, eternamente dividido entre os pólos da ligeireza e da gravidade mas raramente atingindo a síntese de ambas.

Foi essa síntese que procurou atingir no "Último Metro", sob a aparência exterior de uma obra ligeira e à primeira vista irmã gêmea de "A Noite Americana". Truffaut aposta decididamente no "charme", mas, ao contrário de outros filmes seus, não se fica por aí, propondo-nos uma reflexão sobre as conexões sentimentais e dramáticas entre três eixos do espectáculo: o cinema, o teatro — e a vida.

Magia concentrada

Evidentemente, trata-se de uma primeira aproximação. Mas parece sintomático ser este, entre os filmes mais interessantes de Truffaut, o que está obtendo maior sucesso de bilheteira e recolhendo mais consagrações por parte do mundo do espectáculo (um número "record" de "Césars" e uma nomeação para o "Oscar" do melhor filme estrangeiro).

Por outro lado, não é ocasional que seja este o filme em que Truffaut se revela mais seguro, mais senhor de si na fabricação do espectáculo. É o mágico que controla sem falhas todos os "passes" do seu acto de presidição. Daí, por isso, que "O Último Metro" nos apaça- impregnado de uma magia

concentrada, um perfume que nos embriaga e leva com ele. Como se fosse, por milagre, um musical americano — ou uma comédia de Lubitsch.

Lubitsch que por ali anda com a memória explícita do seu fabuloso "To Be or Not To Be". Mas se para Lubitsch o que estava fundamentalmente em causa eram os sistemas de representação enquanto produtores de identidade (Hitler e o seu duplo), para Truffaut a pesquisa situa-se num terreno diverso: o dos sentimentos. Aqui sob o pano de fundo da ocupação alemã, através de uma pintura amável de gentes e lugares, sem esquecer um desenhado de comédia (que não deixa de lembrar, de algum modo, a admirável "Philadelphia Story" de Cukor), Truffaut introduz-nos nos mecanismos de aproximação sentimental por via do espectáculo: aquele que se representa e aquele que se vive nos bastidores. E os "bastidores" em "O Último Metro" não são apenas uma metáfora, prolongando-se para além dos limites físicos do teatro, nas cenas rodadas na rua (sempre de noite) e em outros interiores. Em nenhum momento — quando introduz imagens relacionadas com o metro propriamente dito recorrendo a imagens de actualidades, aliás brevíssimas —, Truffaut escamoteia o efeito mágico de "mostrar" que tudo se passa em estúdio. E aí também se encontra, por fim, com uma das características fundamentais do cinema clássico americano, fingendo a realidade com o "efeito de estúdio".

"Fazer de conta"

Estamos, portanto, no extremo oposto da "démarche" operática do novo cinema alemão. Enquanto este se distingue pelo exacerbamento da teatralidade, da encenação, Truffaut joga num registo de intimidade, de cumplicidade com o espectador, isto é, num "fazer de conta" — ou melhor, em vários "fazer de conta" —,

contrato secreto passado entre o espectáculo e a vida. Por isso, Truffaut "faz-nos acreditar" — apesar da maquiagem teatral de Depardieu — que a cena representada antes do fim pode ser o desfecho do romance "real" entre os dois actores. Apostando, depois, numa "saída" que em "Jules et Jim" se saldava tragicamente, ao insinuar com malícia as malhas que o espectáculo tece: actor e encenador aparecem associados sobre a ribalta e nos bastidores a uma mesma mulher, a doce e fatal Catherine Deneuve.

Kilas: entre vários registos

Enquanto Truffaut em "O Último Metro" consegue a síntese de vários registos — e consegue-o depois de uma obra extensa, com mais de quinze títulos atrás —, José Fonseca e Costa chega ao seu terceiro filme, produzido num país sem estruturas industriais no campo do cinema, ainda à procura de um registo unificador para várias tensões e propósitos. Para já, uma aventura merecedora de respeito, até pela efectiva humildade que deixa transparecer, no terreno inexplorado de um novo cinema popular que integre, dentro de um imaginário próprio, reflexões e preocupações que à partida lhe são estranhas.

Duvida-se que em "Kilas, o Mau da Fita" (Eden e Quarteto) Fonseca e Costa tenha atingido em cheio o seu primeiro objectivo — que seria o de provocar uma viragem nos hábitos do espectador comum português, conquistando uma audiência para além do "ghetto" das salas-estúdio. Duvida-se, apesar do excelente arranque do filme numa sala popular, o Eden, que há bem mais de vinte anos, salvo erro, não projectava um filme produzido em Portugal — e nunca havia apresentado qualquer filme de um realizador identificado com o cinema novo-casero.

E a dúvida reside precisamente no facto de "Kilas" ser um excelente material fragilmente agarrado — ou agarrado por muitos lados, misturando o não misturável, oscilando entre um "kitsch" pícaro e um discurso "sério" e moralizador (as referências políticas, de resto primárias; e a opção existencial de Pepsy Rita no fim do filme, tratada com uma gravidade absolutamente deslocada, sobretudo depois da terrífica — mas simultaneamente divertida — imagem do Kilas embrulhado em ligaduras).

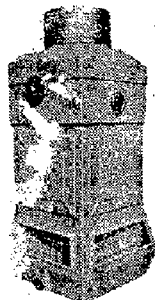
Um filme de "voyeur"

Os méritos de o "Kilas" têm que ver com uma pintura de ambientes raríssima no cinema português, a composição de certos personagens — Kilas e Tereno, especialmente —, essa ponte que estabelece entre o imaginário cinéfilo e um imaginário de "bas-fond" lisboeta cinefiliamente entendido. Filme de "voyeur", "Kilas" deixa transparecer saudavelmente esse "voyeurismo" quer na encenação, quer especialmente nos "décor" e no vestuário onde uma alegria "vaudevillesca" se contrapõe ao fundo "negro" da história.

Dito isto, o filme tem personagens a mais — e sobretudo personagens a mais mal definidas —, situações supérfluas, erros de alvo (como o de Milu, numa impossível madrinha), embrulhando-se em muitas telas e dificilmente respirando sob o seu peso. Além disso, é excessivamente — e injustificavelmente — longo, faltando-lhe a síntese que a eficácia exige.

Resta que o "Kilas" apareça como o mais simpático dos filmes que até hoje fez Fonseca e Costa e, coisa a considerar, como um "produto exportável", de oficina cuidada (se se exceptuar a qualidade medíocre do som). Para que conste que em condições de artesanato o cinema português já produz filmes normalmente só fabricáveis em condições industriais.

TORRES DE ARREFECIMENTO PARA ÁGUAS INDUSTRIAIS



CONSTRUIDAS COM MATERIAL PLÁSTICO

SUBMETA-NOS O VOSSO PROBLEMA

PEDIDOS DE DOCUMENTAÇÃO AO REPRESENTANTE EXCLUSIVO:

ELECTRO LIS, LDA.

APARTADO 12 — TELEFONES 2 40 01/2/3

TELEX: 13 239 ELIS P

RUA JOÃO DE DEUS, 5-1. — LEIRIA

Telas de vidro
e plexi
U.T.